

**LITERATURA E HISTÓRIA:
HUCKBLERRY FINN E A ESCRAVIDÃO NOS ESTADOS UNIDOS**

**LITERATURE AND HISTORY:
HUCKLEBERRY FINN AND U.S.A. SLAVERY**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n3p100-110

**Davi Silva Gonçalves¹
Ana Carolina de Sousa Mendes²**

Resumo: No presente artigo, analisamos o romance *As Aventuras de Huckleberry Finn* (TWIN, 1982), levando em conta as questões políticas e sociais que o permeiam. Com as contribuições teóricas de Terry Eagleton (1984), Serge Gruzinsky (2001) e Farid Aneur (2010), discutimos como a escravidão e a branquitude se manifestam na narrativa. A justificativa de nossa pesquisa, portanto, se deve ao fato de considerarmos as aventuras vividas pelos personagens Huck e Jim como uma fonte de reflexão rica para quem queira se debruçar sobre questões de costume, crenças, moralismos e escravidão do século XIX, nos Estados Unidos. O narrador de Twain (1982) desenvolve com destreza temas polêmicos, mas muito relevantes ainda na atualidade – seja naquilo que toca as relações entre classes e raças, bem como naquilo que concerne ao divisionismo norte-sul estadunidense.

Palavras-chave: Mark Twain; Huckleberry Finn; Jim; negritude.

Abstract: Within this article, we analyse *Adventures of Huckleberry Finn* (TWIN, 1982), considering the political and social issues that pervade such novel. Relying on the contributions of Terry Eagleton (1984), Serge Gruzinsky (2001), and Farid Aneur (2010), we discuss how slavery and the consciousness of white people are manifested in the narrative. The basis for such endeavour concern the fact that Huck's and Jim's adventures constitute, for us, a prolific source of reflections for those willing to think of good manners, beliefs, moral values, and slavery during the XIX century, in the United States. Twain's (1982) narrator dexterously develops themes which, albeit polemic, are very relevant for our contemporaneity – be that in what regards issues of class and races, as well as regarding the United States North-South divisionism.

Keywords: Mark Twain; Huckleberry Finn; Jim; blackness.

Introdução

¹ Doutor em Letras pela UFSC. Professor adjunto no Departamento de Letras da UNICENTRO/I. E-mail: davisg@unicentro.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8825-2859>

² Licenciada em Letras pela UNICENTRO/I. E-mail: carols.poli@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9944-6640>

Em 30 de novembro de 1835 nasceu Samuel Langhorne Clemens, em uma pequena vila na Flórida, no Estado do Missouri, nos Estados Unidos – tendo vivido até 21 de novembro de 1910. Clemens ficou mais conhecido por seu pseudônimo Mark Twain, escolhido por ele quando entrou para a carreira literária no ano de 1860. Em 1839, o autor mudou-se com sua família para a cidade portuária de Hannibal, às margens do rio Mississippi. Após ficar órfão de pai, Twain saiu da escola para trabalhar como aprendiz de tipógrafo, mas foi em 1850 que o escritor descobriu que o seu futuro seria mesmo na escritura de contos, novelas e romances – principalmente no âmbito do humor e da ficção.

Já em 1856, Twain começou a trabalhar como piloto fluvial e a escrever textos de humor. O nome “Mark Twain” deriva de uma expressão usada pelos barqueiros da época, cujo o significado era “marca segura para se navegar”. O estilo da escrita de Twain é marcado por chistes, descrições históricas e, também, pela crítica social. Dentre suas obras, as mais conhecidas são, talvez: *As aventuras de Tom Sawyer* (1876), *O Príncipe e o Mendigo* (1880), *A Vida no Mississipi* (1883), *Um Ianque na Corte do Rio Arthur* (1889), *Joana D’Arc* (1886) e *As Aventuras de Huckleberry Finn* (1885).

No presente artigo, nosso objetivo é analisar a última obra citada: *As Aventuras de Huckleberry Finn* (TWIN, 1982). Nosso intuito é de, em nossa leitura, levar em conta os aspectos políticos e sociais que a história aborda ou, mesmo, tangencia. Para este fim, contamos com as contribuições teóricas de Terry Eagleton, em sua obra *Criticism and ideology: A study in marxist literary theory* (1984); de Serge Gruzinsky, em *O pensamento mestiço* (2001) e de Farid Aneur, em *Guerra de secessão* (2010). O objeto de análise escolhido expõe assuntos polêmicos, tais como racismo e os maus-tratos de escravos na esfera estadunidense. A história viva dos Estados Unidos é retratada através do ponto de vista de um garoto chamado Huckleberry Finn, mais conhecido, na narrativa, por Huck.

As primeiras traduções da obra no Brasil surgiram em 1970, porém a edição que utilizamos para esta pesquisa é a de 1982: a 10ª edição, publicada pela editora Brasiliense, em homenagem ao centenário de Monteiro Lobato, escritor brasileiro e, também, tradutor da obra em questão. José Bento Monteiro Lobato era um prolífico tradutor – ainda que seus projetos de tradução venham recebendo duras críticas na contemporaneidade, por suprimir uma quantidade grande de trechos e páginas dos livros originais em suas versões.

A justificativa de nossa pesquisa se deve ao fato de considerarmos as aventuras vividas por Huck e Jim, o personagem que lhe acompanha na jornada empreendida por ele ao longo da

narrativa, como uma fonte de reflexão rica não somente para os jovens (seu principal público-alvo), mas também para os adultos que queiram conhecer mais sobre as questões de costume, crenças, moralismos e escravidão do século XIX, nos Estados Unidos. Trata-se de um tema polêmico, muito relevante ainda na atualidade – seja naquilo que toca as relações entre classes e raças, bem como naquilo que concerne ao divisionismo norte-sul estadunidense.

O romance foi publicado originalmente em 10 de dezembro de 1884, nos Estados Unidos da América, no entanto, a história se passa em meados dos anos de 1860. Naquela época em que a narrativa se situa, os Estados Unidos se via intensamente dividido política e socialmente em estados liberais abolicionistas e os estados adeptos à escravidão. Mais especificamente, o norte do país era marcado por ideias mais ligadas à abolição; enquanto o sul, por perspectivas amplamente escravocratas.

Por isso, partimos da premissa de que, para discutirmos aspectos relativos à crítica social que permeia a narrativa de Twain (1982), é necessário ter em mente o seu contexto sociohistórico – isto pois essa atmosfera social que engloba o desenvolvimento da narrativa está muito ligada à tal contexto. A controvérsia sobre a escravização dos negros no país foi tão grande que ela não só motivaria a Guerra da Secessão (1861-1865) como também, até certo ponto, perduraria até a contemporaneidade na grande cisão que se apresenta entre as perspectivas políticas apoiadas pelo sul e pelo norte dos Estados Unidos.

A história de nosso objeto de análise é rica em descrição naquilo que se refere ao lugar onde ela se passa – isto, muito provavelmente, também porque o rio Mississippi está localizado no Missouri: o mesmo lugar onde Mark Twain morou com sua família. Então, é possível que Twain tenha usado sua própria experiência para criar o espaço no qual se passa o enredo, ainda que, obviamente, o espaço literário transcenda em muito o seu contexto de inspiração. Esta pesquisa, desse modo, é realizada partindo deste contexto e o levando em conta. Assim, destacamos nossa intenção de identificar se e de que modo o narrador da história descreve e rearticula a hipocrisia estadunidense no que concerne à condição política e social daquele momento – principalmente no que diz respeito aos negros estadunidenses.

Discussão:

A crítica, para Terry Eagleton (1984, p. 17), é um projeto perpassado pela história e por performances culturais. A literatura, aqui, surge não como um objeto de ilustração crítica, mas como fonte máxima de suas articulações, ou seja, o que temos, na verdade, é uma relação

orgânica entre texto, contexto e a análise tanto de texto quanto de contexto. A obra literária possui suas próprias leis e estruturas, sua própria vida. Nesse sentido, não é ela quem “precisa” da história, da crítica ou da pesquisa: são a história, o crítico e o pesquisador que precisam dela. Assim, a literatura se vê como espelho e martelo – algo que resulta do seu próprio constructo cultural e histórico, mas que, ao mesmo tempo, interfere na configuração desse constructo, objetiva e diretamente. A história com “H” maiúsculo convida a novas narrativas que surgem nas histórias fictícias: as histórias com “H” minúsculo. Ambas, História e história, não competem nem destoam; pelo contrário, dialogam e interferem diretamente na composição e organização uma da outra.

Como bem lembra Serge Gruzinski (2001, p. 35): “a história não tem o monopólio da desmistificação. É frequente que a arte contemporânea a preceda nesse caminho”. No caso do nosso objeto de pesquisa, algumas das histórias a serem desmistificadas são a história da igualdade racial, da justiça social e a validade dos bons costumes. O narrador onisciente, Huckblerry Finn, é um garoto que resolve fugir pelo Rio Mississippi, nos Estados Unidos, para escapar dos maus tratos do pai alcoólatra e das senhoras que tentam “civilizá-lo” (isto é, educá-lo aos moldes da cultura hegemônica): a senhora Douglas e a senhorita Watson. No entanto, pelo caminho, o personagem acaba encontrando um negro escravizado que havia fugido da senhora Douglas: Jim. Os dois navegam pelo rio se envolvendo em inúmeras aventuras com o objetivo único de chegar ao norte dos Estados Unidos, onde a escravidão já tinha sido abolida naquele período.

Por trás das aventuras vividas por Huck e Jim, bem como dessa amizade que aos poucos vai crescendo entre os dois, encontramos, no livro, também diversos dilemas morais e éticos da sociedade estadunidense do século XIX. Vale ressaltar que, nessa época, a sociedade erigia certos padrões religiosos e de comportamento, visando a civilidade e a moralidade aos seus moldes – como, por exemplo, exigir que crianças ficassem imóveis e em silêncio, que as meninas não chamasse muito a atenção, que garotos brancos não se misturassem com os negros etc. Encontramos presentes na obra, já a partir do primeiro capítulo, alguns aspectos relativos a esses padrões – e, respectivamente, à tentativa de fuga e de desvio em relação aos seus paradigmas centrais:

A viúva Douglas entendeu transformar-me em seu filho adotivo. Queria civilizar-me e me forçava a ficar em casa todo dia, fazendo-lhe sala. Não suportei aquilo. Fugi. Que satisfação quando de novo enverguei minha roupa velha e me vi em situação de agir como entendesse! Livre, livre, outra vez!
(TWIN, 1982, p. 5)

Como podemos notar, Huck não aceita ser educado, transformado em um “lorde”, e por isso recusa por completo ficar em casa “fazendo sala” – atividade aparentemente inócua, apesar da apatia que implica. Podemos compreender esse trecho tendo em vista seu potencial crítico para a sociedade moralista de seu tempo. Primeiramente, de onde vem esse princípio de civilidade? De acordo com Gruzinski, “pode-se imaginar a colonização do Novo Mundo com essas espécies de cópia, imitação, duplicata, reprodução ou, ainda, representação” (2001, p. 336). Aqui, vemos como se estabelece-se uma relação hierárquica entre os costumes europeus e os costumes do Novo Mundo: isto é, se uma criança deve aprender alguma coisa, seguramente não vai ser com os aborígenes e/ou com negros escravizados, mas com aquilo que se entende por belo e por correto, a partir do prisma hegemônico, eurocêntrico. “Pelo menos nesse aspecto, a relação entre a América e a Europa aparenta-se à que se percebe entre uma cópia e seu original. Mas nada é menos simples do que uma relação desse tipo” (GRUZINSKI, 2001, p. 337). Essa complicação deriva da liquidez dessa dependência entre Novo e Velho Mundo: e, no caso dos Estados Unidos, é evidente que ela passa por transformações e inclusive severas inversões em certos momentos.

A fuga de Huck é muito simbólica, nesse sentido, já que ele se livra de toda essa roupagem superficial da moralidade que o sufocava. Sua “libertação” fica perceptível, também, na relação entre Jim e ele. É interessante, inclusive, notar como ambos os personagens são transformados por essa relação. “O híbrido não é a marca deixada pela continuidade da criação. É o produto de um movimento, de uma instabilidade estrutural das coisas” (GRUZINSKI, 2001, p. 179). Assim, a aventura de descer o rio na perspectiva de desprender-se das coisas é um processo profundamente metafórico: na liquidez da corrente, essa instabilidade estrutural das coisas é desvelada – e o movimento torna-se um artefato fundacional da amizade entre Huck e Jim. Ambos resolvem fugir em busca de liberdade, evento de peso muito maior para Jim, já que ele se trata de um personagem negro e sem posses, que quer conquistar sua “alforria” propriamente dita. Apesar de ocorrer em um nível mais simbólico, a busca de seu amigo também é representativa, pois, mesmo sendo branco, Huck precisa obedecer às regras impostas na casa da viúva Douglas. Além disso, deve-se levar em conta o fato de que ele está tentando fugir das agressões de seu pai biológico, um alcoólatra que, ao invés de protegê-lo, o extorque e o maltrata.

“Só tenho um dólar, que preciso para...” “Não quero saber de nada. Dê-me cá o dinheiro”. “Tomando-me o dólar, ele mordeu-o, para certificar-se de que não era falso, e levantou-se, dizendo que ia beber um trago de *whiskey*, pois passara com a garganta seca o dia todo. Depois de pular a janela e já sobre o telhado da varanda, pôs a cabeça para dentro e ameaçou-me de novo. Quando julguei que já tivesse ido, novamente ressurgiu à janela e advertiu-me que tomasse cuidado, porque se me apanhasse na escola haveria de justar contas comigo. (TWAINE, 1982, p. 20).

Jim, um escravo, não possui bem econômico algum; e as poucas finanças que Huck é capaz de manter são surrupiadas por essa figura totalmente contrária ao ideal paterno. Roubando o único dólar de seu filho para financiar sua próxima bebedeira, vemos nessa figura que não se cansa de ameaçar o protagonista, por mais indefeso que este seja perante ele, mais uma imagem corrompida dos moralismos da época – o típico “cidadão de bem”. Seu comportamento seguramente interfere na caracterização de Huck, no seu desejo de fugir e, talvez principalmente, em sua capacidade de confiar em outras pessoas. Porém, foi ironicamente em um negro escravizado que Huck, finalmente, encontrou alguém com quem pudesse contar e em quem confiar. Se pensarmos no contexto estadunidense da época, isso é um detalhe irônico da obra precisamente porque o suprassumo da moralidade seria a família de Huck: e o que temos é um pai violento e alcoólatra. Do outro lado, teríamos o negro escravizado – que, em certa medida, nem humano era considerado. Eagleton (1984, p. 60) argumenta que a obra literária, ainda que esteja ligada ao seu contexto histórico (como, sem dúvidas, é o caso aqui), não é subserviente a uma única história – e pode falar para muito além dela. Quando Huck decide ajudar o seu novo amigo Jim, e vice-versa, ambos acabam quebrando as regras da sociedade da época e também correndo o risco de pagar um preço alto por isso. Porém, a aliança da amizade deles vai além desses princípios questionáveis, como podemos ver a partir do diálogo que segue:

“E você como veio parar aqui?” Indaguei por minha vez, Jim não respondeu-me de pronto receoso, mas afinal disse: “É melhor calar-me”. “Por que, Jim?” “Tenho minhas razões. Mas se você promete guardar segredo, Huck”. “Não quebrarei minha promessa, Jim; pode ficar sossegado. Que me chamem abolicionista e o resto, pouco me importa. Não pretendo reaparecer na cidade. Conte-me agora as suas aventuras” (TWAINE, 1982, p. 35).

No trecho acima é possível perceber que, de fato, a amizade entre Jim e Huck foi muito maior do que o preconceito racial entre negros e brancos, tão comum na época. Jim,

obviamente, sente receio e muito hesita antes de confiar suas razões para aquele sujeito que acabara de conhecer, de uma cor e classe que o desumanizaram enquanto indivíduo e enquanto sujeito político. Huck, entretanto, demonstra não se importar caso seja taxado de abolicionista, pois, em relação à sociedade que julgaria seu comportamento, ele já se sente um completo *outcast*. Huck demonstra, portanto, um amadurecimento consistente, coerente com a experiência vivenciada na narrativa – a qual, pouco a pouco, o afasta dos pressupostos questionáveis de sua sociedade. A sociedade, inclusive, para Eagleton (1984, p. 32)³, funciona como um mecanismo que cristaliza paradigmas e epistemes: conceitos que emanam dos corpos concretos de homens e mulheres, por mais subjetivos que sejam. Nesse sentido, tendo rompido os seus laços com o seu contexto local é justamente o que dá a Huck as ferramentas para reestabelecer esse novo laço com Jim. Para uma criança, é importante ressaltar o fato de que Huck teve que lutar com sua própria consciência e deixar de lado os padrões da civilização, em troca de uma amizade sincera com alguém que, para ele, ao contrário de ter menos valor do que o resto das pessoas que conheceu, na verdade valia mais do que elas:

Eu estava deliberado a denunciá-lo, mas ao ouvir as suas últimas palavras faltaram-se forças. E ainda me conservava em luta comigo mesmo quando ouvi sua voz, já distante: “Lá vai o amo Huck, o único homem branco que soube ser nobre com o velho Jim!”... Estas palavras deixaram-me doente. Mas era preciso não fraquear e levar avante a minha resolução, tirando um peso da consciência. (TWIN, 1982, p. 65).

Pode-se perceber, nesse trecho, a crise de valores que acomete Huck no que concerne à possibilidade de denunciar Jim – o que seria o mais “correto” (moralmente) para alguém em sua posição. Inicialmente, ele tem dúvidas acerca das medidas que deve tomar, mas se sente adoentado justamente quando Jim o elogia, ao dizer que ele havia sido o primeiro sujeito branco a tratá-lo com o mínimo respeito. Huck, que ainda não havia parado para pensar nisso (como bem é verdade na maioria das relações desiguais de classe e raça), é profundamente tocado pelo comentário, tendo dificuldades em lidar com sua consciência a partir dali.

A obra se constrói, portanto, como uma ótima oportunidade para conhecer essa mancha na história dos Estados Unidos do século XIX, dentre tantas outras. A história da escravidão de negros e o racismo e a desigualdade resultante na vida de seus descendentes, pior em alguns

³ *It is as though society – ordinary men and women – were the sensuous body from which values and concepts are crystallised – concepts whose very validity hinges upon their direct reference back to concrete existence, their immediate locus within sensuous life.*

estados do território estadunidense, é algo que nós, brasileiros, também podemos identificar em nossa história nacional – evidentemente guardadas as devidas distinções. Assim, o desespero que leva ambos os personagens a tentar fugir para o norte é um tipo de busca utópica: a idealização de um espaço a partir de uma diferença demarcada racialmente. Se para Huck a fuga para o norte é uma “escolha”, isto é, uma busca por uma vida melhor, para Jim trata-se de uma necessidade, de um ato de sobrevivência. Para ele, o Norte é um lugar em que ele não será torturado em uma plantação, por exemplo. Um está em busca de uma nova vida, enquanto o outro está em busca, talvez, de uma sobrevida. Essa ambivalência do norte versus o sul é algo que se destaca na narrativa; e, acerca dela, é importante levar algumas questões em consideração:

O norte e o sul dos Estados Unidos opõem-se em todos os aspectos, primeiramente por razões climáticas. Na parte setentrional, a corrente fria do Labrador não permite grandes riquezas agrícolas, ao menos na Nova Inglaterra. Assim, seus habitantes dedicam-se principalmente às atividades mercantis e industriais, ainda mais que a chegada de um grande número de imigrantes na área atende às necessidades de mão de obra. Inversamente, os estados do sul gozam de um clima mais propício. O calor meridional permite que os sulinos dediquem-se em larga medida às culturas intensivas de algodão, fumo e cana-de-açúcar. O uso dos escravos negros para realizar os trabalhos agrícolas e domésticos certamente não é generalizado, mas continua a ser o contraste mais visível entre a “Dixieland” e a “terra ianque”. (AMEUR, 2010, p. 7).

São variadas, como vemos, as diversas distinções que pululam nesse embate entre norte e sul dos Estados Unidos. Evidentemente, o solo propício das regiões mais quentes contribuiu para que a escravidão assumisse um papel muito mais significativo em contraste com as regiões mais frias. Assim, abrir mão dos negros escravizados foi, sem sombra de dúvidas, mais fácil para uns do que era para outros. A escravidão, com todos os estigmas que carrega, causou um impacto social e moral de abrangência inquestionável – além disso, em regiões mais rurais, o modo como os escravos eram tratados era extremamente cruel e contrário à alguns princípios morais da época, principalmente ligados à violência física e sexual. O que ocorre é que, nas plantações, dificilmente as autoridades podiam ver (ou se esforçavam para ver) como os brancos lidavam com os negros escravizados. Portanto, os donos das grandes propriedades rurais, bem como os administradores encarregados por elas, sentiam-se “donos de si mesmos”: reis de seu pequeno mundo; e a ideia de perder tudo aquilo não lhes parecia um caminho sensato. Chama

atenção, no livro que analisamos, as diferentes versões daquilo que é justo na visão de uns e de outros personagens:

Acabo de ver um negro livre, do Ohio. Era um mulato, quase tão branco como qualquer homem. Usava camisa limpa e chapéu escovado. Não há na cidade quem se vista melhor. Traz relógio de ouro e bengala de castão de prata — a importância personificada! E, mais, dizem que é professor, que sabe o diabo a quatro e fala várias línguas. E isto não é nada. Dizem ainda que pode votar, lá no seu Estado! Parece incrível, mas é a pura verdade. Onde irá parar este país? Era dia de eleições e eu teria votado, se não estivesse tão bêbado; mas quando soube que havia um Estado onde os negros podem votar, gritei bem alto que nunca mais exerceria o meu direito de voto. E todos me ouviram perfeitamente. O país que faça o que bem entender, mas não tornarei a votar. Era de ver a rompância do negro, quando passei por ele. Foi preciso empurrá-lo, pois não me queria dar caminho. Perguntei por que não vendiam aquele negro em leilão — e sabe o que me responderam? Que só poderiam fazer isso, depois que ele tivesse seis meses de residência no Estado. Sim, senhor! Temos um governo que não pode vender um preto antes que ele more seis meses em um lugar! Aqui temos um governo que se intitula governo, pensa que é governo e precisa esperar meio ano para vender um negro vagabundo, ladrão! (TWIN, 1982, p. 24-25)

No trecho, observamos um olhar clínico que o narrador oferece para, a partir do ponto de vista do pai de Huck, descrever o ranço que os brancos sentiam em relação ao negro livre. Essa atitude de boa parte da sociedade estadunidense com relação à justiça (ou injustiça) social se manifesta no excerto em tom de ironia; isto é, a liberdade dos negros escravizados apresenta-se como algo ridículo, uma piada. Ao final, à maneira novamente do clássico “cidadão de bem”, o pai de Huck utiliza-se da falácia: ele cria uma linha argumentativa que não faz o menor sentido. Mais especificamente, ele parte do fato de que em alguns estados os negros podem usufruir de “certa” liberdade para criticar o governo – ademais, ele generaliza todos os negros como sendo um povo vagabundo e ladrão. Por que a vagabundagem e a falta de honestidade? Ora, porque assim fica muito fácil justificar uma postura escravagista: esse povo não presta, logo deve ser escravizado – e novamente a falácia se manifesta. Entendemos que, na obra como um todo, os valores de tal postura são desmascarados pela vivência e convivência que se estabelece entre Jim e Huck, e por aquilo que ambos personagens observam ao seu redor; e podemos perceber de modo irônico como aqueles que acusam os negros de vagabundo e de ladrão são, na realidade, os verdadeiros vagabundos e ladrões. Jim, representante do negro acusado de “não prestar”, é o melhor ser humano que Huck conhece. Seu pai, por sua vez, que se autointitula um membro da nata da sociedade, é um dos piores personagens que a caneta de Twain um dia esboçou. Com primazia, vemos como o autor aborda a escravidão no contexto

em que a narrativa se insere, falando de assuntos que mancham a história dos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, são sumariamente relevantes para a própria existência dessa história em primeiro lugar.

Considerações finais

No artigo “A subversão pela trapaça: o mito do *trickster* em Huckleberry Finn”, Alexander Meireles da Silva (2007) discute um pouco a atmosfera repressiva da região onde a história se passa. Tal atmosfera, segundo o autor, teria o intuito de “defender uma instituição: a escravidão. Devido a isso, ao contrário de outras regiões americanas, o Sul recebeu poucos imigrantes após a Revolução resultando em uma população composta quase que exclusivamente de brancos e negros” (SILVA, 2007, p. 6). Dessa realidade surge então a pergunta: como é que a região onde se encontram basicamente negros e brancos, em oposição às regiões onde diversos imigrantes coexistem, pode ser ainda mais injusta e desigual? Não deveria a exposição e a interação resultar numa maior compreensão de um com relação ao outro? Não necessariamente, já que ela, no caso, teria servido para aumentar ainda mais as oposições – dar força às ambivalências. Uma grande população negra causa também um grande medo na população branca – e o medo, constantemente, está por trás de atos de violência e de repressão, de modo a sufocar possíveis revoluções daqueles que nos assustam.

Trata-se, este, do embate entre eu e outro: e das falsas dicotomias. “O Negro penetrou no homem branco tão profundamente quanto o homem branco penetrou no negro – influenciando sutilmente cada gesto, cada palavra, cada emoção e ideia, cada atitude” (CASH, 1969, p. 51). Vimos como a narrativa de Twain (1982) muito bem se articula com essa condição através da figura do pai de Huck, que exhibe, sem receio, como seus gestos, palavras, emoções, ideias e atitudes em tudo tem a ver com a maneira que ele reage aos gestos, palavras, emoções, ideias e atitudes dos negros. Nesse sentido, um negro se comportando como um branco lhe incomoda; e ele ironiza essa tentativa frustrada do negro de aparentar ser mais do que é – ou seja, ladrão e vagabundo. “Os escravos eram, por esta razão, vítimas tanto da escravidão quanto de uma ideologia em que eles eram alvo do ódio da massa de pobres brancos desocupados relegados a ignorância e a degeneração devido a escravidão” (SILVA, 2007, p. 8). Temos, nessa descrição, um retrato do pai de Huck – um personagem que, ainda hoje, tanto tempo depois da publicação da obra de Twain, teima em sobreviver e, até mesmo, muitas vezes em ocupar os

mais altos setores de nossa sociedade. Acreditamos que a obra tem muito a dizer para os sujeitos contemporâneos; estes, por sua vez, deveriam passar a ler e a escutar um bocado mais do que o de costume.

Referências

- AMEUR, Farid. *A Guerra de secessão*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: L&PM, 2010.
- CASH, W. J. *The mind of the south*. New York: Vintage Books, 1969.
- EAGLETON, Terry. *Criticism and ideology: a study in marxist literary theory*. Londres: Verso, 1984.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SILVA, Alexander Meireles. A subversão pela trapaça: o mito do *trickster* em Huckleberry Finn. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v. VI, n. XXII, 2007, pp. 1-13
- TWAIN, Mark. *As aventuras de Huckleberry Finn*. Tradução Monteiro Lobato. Ed. Brasiliense, 1982.

Recebido em 16 de maio de 2022

Aceito em 30 de janeiro de 2023